

Resiliência e a difusão de conhecimento regionais: o caso do setor têxtil e de confecção de Brusque (SC)

NEWTON DA SILVA MIRANDA JÚNIOR
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

VALMIR EMIL HOFFMANN
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

Resiliência e a difusão de conhecimento regionais: o caso do setor têxtil e de confecção de Brusque (SC)

INTRODUÇÃO

Especialmente após a crise de 2008-2009, a resiliência passou a ser utilizada em referência ao desempenho de setores econômicos, cidades, regiões, países e até mesmo continentes – todos sob a denominação de resiliência regional. O entendimento prevalecente de resiliência, concebida como desempenho, preconiza a capacidade de resposta de sistemas econômicos frente a distúrbios que impactam em seu crescimento. É a chamada perspectiva equilibrada de resiliência. Por outro lado, sob a acepção de processo, o entendimento de resiliência é voltado à análise de como a unidade territorial transita para novas trajetórias de desenvolvimento por meio do uso mais completo e produtivo de seus recursos territoriais. É a denominada perspectiva evolutiva de resiliência (Martin & Sunley, 2015).

No contexto de análise desse estudo, o conceito de resiliência refere-se à capacidade que uma unidade territorial apresenta tanto de contornar os efeitos de choques – pela restauração de trajetórias anteriores de desenvolvimento, quanto de transitar para outras novas – via reorientação de sua trajetória de desenvolvimento para contornar a fase de declínio inerente ao ciclo de vida de aglomerações industriais (Neffke et al., 2011). Em conformidade com os pressupostos de Marshall (1920/1996), as aglomerações de empresas possuem a capacidade de reforçar interrelações entre os atores e, por conseguinte, gerar retornos crescentes. Em contrapartida, o excesso de interrelação pode resultar em inflexibilidade, desestímulo à inovação e, assim, conduzir ao declínio da aglomeração. Assim, sugere-se que a difusão de conhecimento externo no âmbito da aglomeração, contudo, pode ser uma maneira de contornar a tendência à entropia e, desta maneira, ser uma fonte de resiliência.

Partindo desses pressupostos teóricos, recorreu-se empiricamente ao estudo de caso do setor de têxtil e confecção (T&C) do município de Brusque (SC), reconhecido como o berço da fiação catarinense (Blum & Dadam, 2013). Justifica-se a escolha dessa região dada sua notoriedade histórica nesse setor econômico desde a imigração alemã na região do século XIX (Carrão, 2004). O objetivo central do estudo é analisar o processo de resiliência evolutiva do setor brusquense de T&C, no período de 2007 a 2019, evidenciando o papel da difusão de conhecimento promovida entre os atores locais. O recorte temporal de análise, delimitado *a posteriori*, deve-se à disponibilidade dos dados secundários. Diante disso, o estudo pautou-se pela triangulação de fontes e de dados visando a maior compreensão do fenômeno estudado, além de reforçar o critério de validade da investigação científica (Bruning et al., 2018).

Assentado sob a epistemologia pós-positivista, a abordagem do estudo é a multimétodo. Foram utilizados os instrumentos da pesquisa documental e das estatísticas descritiva e multivariada. Os dados analisados, tanto qualitativos quanto quantitativos, foram de natureza secundária: os primeiros provenientes de 185 reportagens coletadas em diferentes jornais de circulação nacional e regional, ao passo que os segundos de bases de dados. As técnicas analíticas empregadas foram a análise de conteúdo, estatística descritiva e análise de correspondência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Resiliência regional

A resiliência é concebida como uma metáfora aplicável, no campo de estudos de gestão, ao âmbito tanto organizacional (Linnenluecke, 2015) quanto regional (Pendall, Foster, & Cowell, 2010). Trata-se de um quadro conceitual e, por conseguinte, ainda não constitui uma teoria (Martin & Sunley, 2015). O conceito de resiliência é moldado por concepções que perpassam diversos campos de conhecimento (Martin-Breen & Anderies, 2011). A concepção originária desse termo é atribuída ao campo de estudos da Física referindo-se à capacidade

elástica de corpos deformados por um *stress* voltarem à forma original (Martin-Breen & Anderies, 2011). Em paralelo à disseminação do pensamento sistêmico, em meados da década de 1960, novas concepções do termo foram desenvolvidas (Pitteri & Bresciani, 2014).

Em estudos acerca do território, a dimensão de análise de resiliência varia desde o âmbito de organizações (Linnenluecke, 2015), regiões e até mesmo países (Boschma & Martin, 2010). Em revisão sistemática da literatura, constatou-se que as principais linhas de pesquisa da literatura de resiliência no âmbito organizacional recorre à perspectiva baseada em recursos para explicar a resiliência de organizações (Linnenluecke, 2015). Uma década após um dos maiores choques econômicos desde o último século – a crise de 2008-2009, estudos da Economia, da Geografia Econômica e de Gestão passaram a investigar fatores relacionados ao território, sob uma perspectiva da organização industrial, como fonte de resiliência de cidades, setores econômicos e regiões (Boschma & Martin, 2010).

Segundo a tipologia de Pendall et al. (2010), a resiliência pode ser entendida sob duas principais perspectivas: uma pressupondo a existência de um sistema de equilíbrio e outra presumindo a ocorrência de um sistema adaptativo. O equilíbrio, dado em relação ao patamar existente antes da ocorrência do choque, possui geralmente como parâmetro de análise dados de natureza macroeconômica (Pitteri & Bresciani, 2014). No sentido de equilíbrio, denomina-se também como resiliência de engenharia em alusão à origem do conceito ligada às propriedades físicas de materiais ou sistemas (Martin-Breen & Anderies, 2011). Assim, a resiliência é dada em função da capacidade de resistência de um sistema contra choques, bem como por meio da velocidade que o sistema retorna ao equilíbrio (Di Caro, 2015).

Por outro lado, a resiliência na concepção de sistema adaptativo ou evolutivo é concebida como um atributo dinâmico que conduz um sistema a contínuos e espontâneos ajustamentos (Pendall et al., 2010), independentemente da ocorrência de choques pontuais (Martin, 2012). Diferentemente da perspectiva equilibrada em que a avaliação de resiliência é feita por meio de resultados, na perspectiva evolutiva a resiliência é vista como um processo dinâmico (Martin, 2012). O resultado desse processo dinâmico é uma estabilidade temporária – e não estática – do sistema (Martin & Sunley, 2015).

O modelo de resiliência como processo – voltado ao estudo do território – proposto por esses últimos autores é um dos mais referenciados na literatura. Sob a denominação de anatomia da resiliência regional, o modelo é composto pelas seguintes etapas (Martin & Sunley, 2015, p. 15): i) vulnerabilidade – a sensibilidade ou propensão das empresas e trabalhadores de uma região a diferentes tipos de choque; ii) choque – a origem, a natureza e a incidência de um distúrbio e a escala, a natureza e a duração do mesmo; iii) resistência – o impacto inicial do choque na economia de uma região; iv) robustez – como as empresas, os trabalhadores e as instituições de uma região se ajustam e se adaptam aos choques, incluindo o papel dos mecanismos externos e intervenções públicas e estruturas de apoio; e v) recuperabilidade – extensão e a natureza da recuperação da economia da região dos choques e a natureza do caminho para o qual a região se recupera.

A difusão de conhecimento como mecanismo de resiliência setorial

Os novos conhecimentos introduzidos no âmbito do aglomerado industrial fomentam a produção de ideias e experiências locais, o que pode contribuir para a criação e difusão de novas tecnologias (Munari, Sobrero, & Malipiero, 2012). Por sua vez, a inovação pode ser vista como um mecanismo de ruptura de dependência de uma determinada trajetória hermética e autorreferenciada e, por conseguinte, de resiliência. Conforme preconizado pela perspectiva evolutiva de resiliência, a renovação de uma região é dada em função de sua capacidade de superar trajetórias estagnadas – não dependendo, necessariamente, da ocorrência de um choque para isso (Martin & Sunley, 2015). Dessa forma, a capacidade de resiliência de uma região por meio da difusão de conhecimentos relaciona-se à possibilidade de superar conhecimentos

redundantes não mais valiosos (Molina-Morales & Expósito-Langa, 2013) por outros sintonizados às tendências de mercado (Maskell et al., 2006).

O conhecimento no âmbito de uma aglomeração industrial, em conformidade com os pressupostos de Marshall (1920/1996), Arrow (1962) e Romer (1986), assume atributos de um bem público: acesso irrestrito e espontâneo pelos atores locais. Trata-se da corrente conhecida como “externalidades MAR”, nome dado em alusão a esses autores (Neffke et al., 2011). As evidências de estudos mais recentes, contudo, têm se contraposto a essa corrente. Assim como Giuliani (2007) e Molina-Morales et al. (2012), os resultados do estudo de Giuliani e Bell (2005) e, mais recentemente, de Ruffoni e Suzigan (2015) evidenciaram que, a depender da natureza do conhecimento, ele tende a circular restritamente dentro de pequenas comunidades epistêmicas. Por conseguinte, a difusão de conhecimento num dado território não assume, necessariamente, a natureza de bem público (Giuliani & Bell, 2005). Uma maneira de possibilitar o acesso amplo pelos atores de um aglomerado a informações e conhecimentos novos é por meio da atuação de instituições de suporte via prestação de serviços reais (Brusco, 1993). Precipuamente, essas instituições assumem a posição de intermediárias de conhecimento ao atuarem como elo entre o aglomerado industrial em que se inserem com atores externos e, assim, mediando o acesso a novos conhecimentos oriundos do ambiente externo (Hoffmann, Bandeira-de-Mello, & Molina-Morales, 2011)..

O acesso a novos conhecimentos – sendo uma estratégia para se contornar os riscos de aprisionamento de um setor em velhas rotinas organizacionais (Lazerson & Lorenzoni, 1999) – pode ser dado por meio de ligações extramuros, de clusters temporários e do relacionamento entre atores locais (Giuliani, 2007; Munari et al., 2012). Em relação às ligações extramuros, os canais de comunicação com o exterior para obtenção de conhecimentos não constantes no âmbito local são denominados de *pipelines* (Bathelt, Malmberg, & Maskell, 2004) e são representados, por exemplo, por meio de parcerias estratégicas, comunidades de prática, promoção e participação em *clusters* temporários (Bathelt et al., 2004). Esses canais fornecem fontes externas de conhecimentos, os quais complementam o *local buzz* – isto é, o conhecimento proveniente das interações locais (Hervas-Oliver, Jackson, & Tomlinson, 2011).

Os clusters temporários – a exemplo de feiras de negócios, palestras, exposições, seminários, *workshops* – constituem ambientes propensos à troca de conhecimento, além de oportunizarem a expansão de redes entre empresas (Rinallo & Golfetto, 2011). As informações e conhecimentos compartilhados no âmbito dos clusters temporários costumam anunciar tendências de mercado (Bathelt et al., 2004). Por sua vez, essas novas trajetórias podem estar relacionadas ou não àquelas anteriormente percorridas. Se por um lado, a literatura de economia da aglomeração desdobrada das “externalidades MAR” argumenta a favor da especialização regional, a literatura ancorada sobre as externalidades de Jacobs (1961) defende que a diversidade estrutural de uma região conduz a novas ideias e induz à inovação (Boschma & Iammarino, 2009). Uma região também pode apostar na diversificação econômica como estratégia contra vulnerabilidade a distúrbios específicos que poderiam dizimar toda uma economia especializada (Boschma & Iammarino, 2009). O debate acerca de qual estratégia – se a diversificação ou a especialização econômica regional – é mais benevolente em questão de transbordamento de conhecimento e crescimento regional, e até mesmo em termos de resiliência, carece de consenso dentro da literatura (Boschma & Iammarino, 2009).

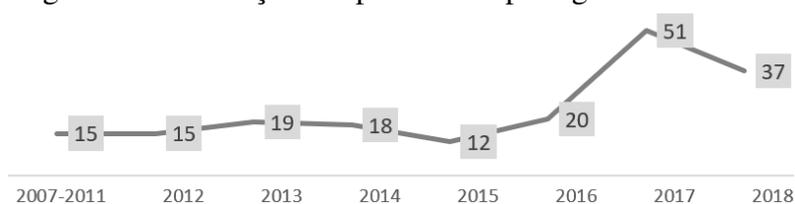
METODOLOGIA

Esse estudo descritivo situa-se dentro do paradigma funcionalista (Burrell & Morgan, 2001) alinhado à vertente pós-positivista – uma vez que emprega o multimétodo de pesquisa (Giddings, 2006). Embora na literatura concernente à resiliência regional predomine a abordagem quantitativa, não implica que tal abordagem seja idiossincrática ao fenômeno, uma vez que é recomendada abordagem multimétodo ao estudo de evolução de aglomerações

industriais (Boschma & Fornahl, 2011). A região abordada por esse estudo compreende o município de Brusque. Visando narrar os acontecimentos do período de 2007 a 2019 ocorridos em Brusque relacionados ao fenômeno em tela, recorreu-se ao instrumento da pesquisa documental via triangulação de fontes de dados – como critério de validade da pesquisa (Denzin & Lincoln, 2000) – por meio da análise do *corpus* formado por 185 reportagens publicadas em jornais de circulação tanto regional quanto nacional: Folha de São Paulo, Estadão, O Município, Portal da Cidade e Jornal em Foco. Foram consideradas reportagens baseadas em entrevistas com atores sociais da região, desconsiderando, assim, colunas editoriais e artigos de opinião.

Dado o recorte longitudinal do estudo, a pesquisa documental foi uma estratégia para se contornar vieses de recenticidade. A coleta de reportagens foi realizada nas páginas eletrônicas desses jornais por meio de suas ferramentas de busca usando a combinação dos termos “têxtil” e “Brusque” como estratégia em jornais de circulação nacional e apenas o termo “têxtil” em jornais regionais ou locais. A Figura 1 ilustra a distribuição das reportagens coletadas ao longo do período analisado segundo a data de publicação. Salienta-se que, embora publicadas em dado ano, as reportagens recorrentemente aludiam a períodos anteriores indo ao encontro do recorte transversal com efeito longitudinal (Pettigrew, 2008).

Figura 1. Distribuição temporal das reportagens coletadas



Fonte: elaboração própria

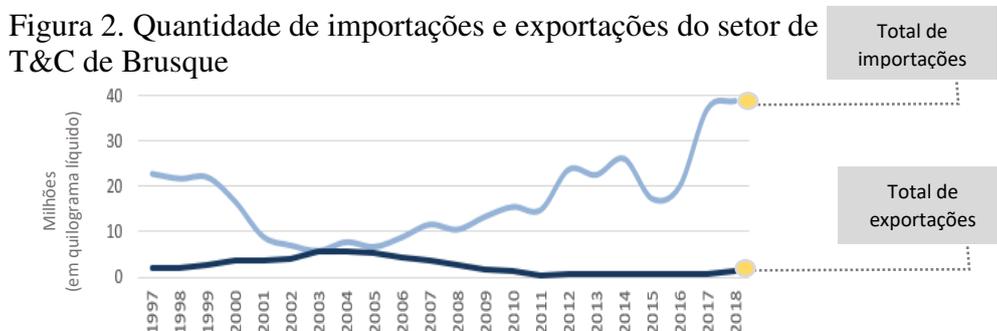
Como técnica analítica, realizou-se análise de conteúdo (Bardin, 2006) por meio do protocolo composto pelas seguintes etapas: (a) pré-análise baseada na leitura flutuante das reportagens coletadas; (b) compilação das reportagens quanto aos respectivos anos de suas publicações; (c) classificação das unidades textuais de análise com base em categorias *a priori*; (d) interpretação dos achados. Para essa etapa, utilizou-se o programa NVivoPlus. As categorias utilizadas foram extraídas de Martin e Sunley (2015). Para aumentar a compreensão sobre o fenômeno, servindo também como critério de validade da pesquisa (Denzin & Lincoln, 2000), a análise de conteúdo foi complementada por técnicas estatísticas de dados secundários quantitativos extraídos de bases de entidades governamentais. Quanto a essa última, foi utilizada a análise de correspondência simples, por meio do programa SPSS 20, recomendada para o cruzando de variáveis categóricas (Hair et al., 2010).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Vulnerabilidade - Dependência de importações

As evidências encontradas por meio da análise de conteúdo do *corpus* sugerem a dependência de empresas de Brusque em relação ao mercado externo por insumos necessários à cadeia produtiva do setor de T&C. Eraydin (2016a) alerta que a dependência de uma economia local sobre importações é um indicativo de vulnerabilidade. Essa vulnerabilidade pode ser, por exemplo, em razão de flutuações cambiais, escassez de insumos necessários à produção e instabilidade no mercado externo – conforme registrado em algumas reportagens. A dependência de insumos importados ficou gradativamente maior uma vez que, diante da ponderação dada pelo custo de produzir internamente os insumos, compra-los no mercado interno ou externo, tornou-se mais vantajosa a importação. Dados macroeconômicos referentes

ao comércio exterior da região d Brusque corroboram essas evidências. Segundo dados longitudinais do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) relativos ao comércio exterior de “matérias têxteis e suas obras” (seção IX) do município de Brusque, no período de 1997 a 2019, houve predominância do quantitativo de importações sobre as exportações (Figura 2).



Fonte: MDIC

Em variadas ocasiões importar insumos têxteis tornou-se mais vantajoso do que produzir ou comprá-los no mercado nacional devido, sobretudo, à concorrência de baixo custo chinesa: “às vezes, sai mais barato trazer um contêiner da China do que do Oeste de Santa Catarina, diz o presidente do Sifitec” (O Município, 26.02.18). As importações podem deixar a capacidade interna produtiva do setor obsoleta à medida em que esses produtos importados substituem parte do que era produzido nacionalmente (Eraydín, 2016a).

Choques

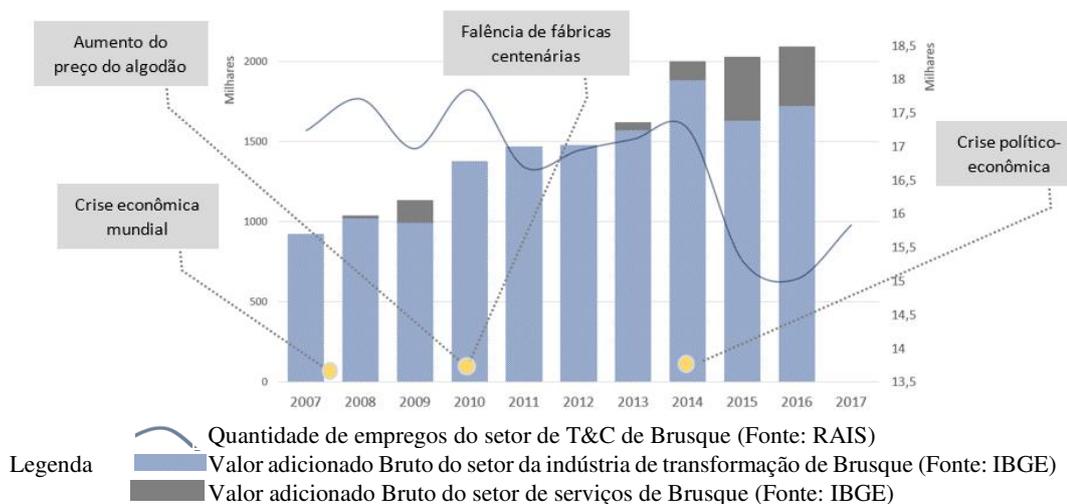
Em dimensão regional, um choque pode ser caracterizado por três principais atributos: escala, natureza e duração (Martin & Sunley, 2015). Ou seja, até onde os efeitos de choques de diferentes espécies são irradiados no tempo e no espaço. Em 2008 foi noticiado os efeitos da crise econômica mundial sobre o setor industrial de Brusque ao mesmo tempo em que o volume de chuvas na região também causou danos à região. Mais recentemente, tem sido noticiada uma grande quantidade de incidência de raios em Brusque, tornando a região suscetível tanto a prejuízos advindos de interrupções de fornecimento elétrico quanto a incêndios. Apesar dos danos causados – em princípio de natureza material, as evidências da literatura mostram que choques ambientais podem estimular o desenvolvimento tecnológico e, por conseguinte, a inovação local, assim como expandir a rede inicial de atores de uma região em busca de soluções para contornar agravos climáticos (Lazzeretti & Capone, 2015).

O aumento abrupto do preço do algodão, nos anos 2010 e 2011, foi um incidente com efeitos notáveis em Brusque, conforme sugerem as evidências da análise de conteúdo. Segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/USP), o preço do algodão registrado nos anos de 2010 e 2011 apresentou aumento de 8% e 42%, respectivamente, em relação ao valor registrado em 2004 – o maior até então. Pela análise de conteúdo, os principais fatores que desencadearam essa alavancagem do preço do algodão foram: queda no estoque mundial, queda na safra brasileira e aumento na demanda internacional pela matéria-prima. Os reflexos desse aumento repercutiram em maior intensidade nas empresas e fábricas centenárias da região, as quais centralizavam toda a cadeia têxtil internamente. Como efeito do choque, “Brusque viu suas centenárias empresas do setor têxtil ruírem” (O Município, 23.02.12).

Ademais, constatou-se também por meio da análise de conteúdo os reflexos em Brusque das crises nacionais de natureza econômica e política iniciadas em 2015. Além da recessão econômica, somou-se uma instabilidade no cenário político brasileiro culminando em

insegurança político-jurídica aos empresários, a qual foi apontada por contribuir para o recuo da participação do setor industrial de Brusque na economia local. Conforme base de dados do IBGE, disponível até o ano de 2016, foram constatadas recessões nos níveis do Valor Adicionado Bruto da Indústria nos anos de 2009, 2015 e 2016. Em consonância com os estudos de Bristow e Healy (2015) e Doran e Fingleton (2016) – também foram analisados os dados relacionados ao mercado de trabalho relacionados ao setor de T&C local, conforme base da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério de Trabalho – disponível até o ano de 2017. Corroborando a análise de conteúdo, no período de 2007, houve declínios nos anos 2009, 2011, 2015 e 2016 (Figura 3).

Figura 3. Infográfico relacionando o comportamento dos dados macroeconômicos de Brusque e os choques descritos pelas reportagens com efeitos locais



Resistência: efeitos no mercado de trabalho

O receio de empresários diante da dificuldade econômica foi um dos motivos noticiados pela mídia à diminuição de oferta de vagas tanto de empregos quanto de estágios na região de Brusque, nos anos de 2015 e 2016. Além de cortes ou não ofertas de vagas de emprego, outros efeitos ocasionados por crises são a reestruturação e a flexibilização de relações trabalhistas (Hu & Hassink, 2017; Lagravinese, 2015). Essas medidas visam, em geral, reduzir os custos e a escala de produção para fazer frente à queda de demanda (Fingleton, Garretsen, & Martin, 2012).

Em Brusque, não o bastante a dispensa de funcionários – agravada por conta da crise financeira, algumas empresas da região foram acionadas judicialmente por motivo de atrasos no pagamento de salários e não pagamento de verbas rescisórias ou direitos trabalhistas. A não mais exigência de homologação de rescisões trabalhistas em sindicatos, dada pela reforma trabalhista, e pela queda do salário médio dos trabalhadores da região são exemplos noticiados de reestruturação e flexibilização das relações trabalhistas na região. Considerando a norma brasileira trabalhista que garante a irredutibilidade salarial, as empresas podem recorrer como estratégia para desonerar a folha de pagamento ao que Pochmann (2009) denomina de rotatividade de mão de obra. Esse fenômeno consiste na demissão de funcionários de maior remuneração para, em contraponto, admitir novos empregados com menor remuneração.

Segundo Diodato e Weterings (2015), uma vez dispensados, os trabalhadores tendem a buscar novas oportunidades de emprego no mesmo setor em que atuavam antes. Para uma região cujo mercado de trabalho tenha sido impactado por algum choque, a reinserção de seus trabalhadores no mercado local contribui à recuperação regional (Bristow & Healy, 2015). As possibilidades de realocação de trabalhadores dispensados são pela mobilidade intrasetorial ou

intersetorial (Diodato & Weterings, 2015). A mobilidade de trabalhadores é um mecanismo de difusão de conhecimento (Hoffmann & Campos, 2013). No âmbito de uma mesma localidade, as duas primeiras formas de mobilidade – intrassetorial e intersetorial – mantêm o conhecimento e as habilidades adstritos à região (Østergaard & Park, 2013) e, portanto, preservam a expertise regional (Treado, 2010). Conforme noticiado, com o impacto da crise sobre as fábricas centenárias têxteis de Brusque, os seus empregados dispensados foram absorvidos pelas demais empresas da região.

Robustezes do setor de T&C da região de Brusque

Atuação de instituições locais e a prestação de serviços reais

Em Brusque, os clusters temporários constituíram uma das ações mais recorrentemente promovidas pelas instituições de suporte da região, sobretudo, pelas associações. A realização de feira de produtos têxteis pode ser considerada uma tradição de Brusque (Belli, Cassol, Alberton, & Marinho, 2013). Segundo essa autora, nos anos 1980 as indústrias brusquenses costumavam se reunir na denominada Feira Industrial de Brusque (FIDEB) para comercializar seus produtos. Outro centro comercial pioneiro na cidade foi a Feira Industrial Permanente (FIP). Em estudo conduzido na região, Campos, Ferraz e Nicolau (2000) constataram que, se por um lado, as grandes empresas da região do Vale do Itajaí dispunham de capacidade financeira para acessar novas informações e conhecimentos por meio de participação em congressos e feiras internacionais, por outro, cabia às empresas de pequeno e médio portes da região recorrer aos eventos nacionais. Depreende-se, a partir disso, a importância de associações – especialmente aquelas voltadas às PMEs, a exemplo da AmpeBr – promoverem eventos de difusão de conhecimento e inovação na região.

Por meio da análise de conteúdo, as instituições foram categorizadas *a posteriori* em: associações, entidades paraestatais, sindicatos e instituições de ensino. Na categoria destinada às associações foram agrupadas: a Associação Empresarial de Brusque (ACIBr) e a Associação das Micro e Pequenas Empresas de Brusque e Região (AmpeBr). A AmpeBr é voltada ao segmento econômico têxtil e de confecções, ao passo que a ACIBr atua em variados segmentos, além do têxtil e confecções. A ACIBr, fundada em 1934, possui atuação em todos os setores da economia local. Difere-se, assim, da AmpeBr cuja atuação é voltada para o setor de T&C. Em relação ao setor de T&C, a ACIBr possui três núcleos atuantes nesse segmento: beneficiamento, malharia e de fabricantes de toalhas.

Por meio da análise de conteúdo das reportagens da pesquisa documental, as principais ações executadas pela ACIBr voltadas ao setor de T&C foram: pleiteamento de melhorias de infraestrutura e segurança pública junto a órgãos governamentais; organização de missões empresariais para outros países; realização de eventos destinados a empresários; pressão em órgãos governamentais quanto a questões fiscais; composição de comissões consultivas em assuntos de concessão de benefícios econômicos a novas empresas; capacitação de empresários locais por meio de palestras, cursos e viagens; criação de centrais de negócios para atuação empresarial conjunta de compra e venda.

A fundação da AmpeBr deu-se em 1990. Possui atuação local. Inicialmente designada como Associação Industrial e Comercial Azambuja (AICA), passou a ser denominada, a partir de 1997, como AmpeBr. Conforme informado em sua página eletrônica, o escopo de atuação dessa entidade envolve os compromissos em promover o crescimento das empresas, fomentar negócios, proporcionar acesso à tecnologia e informação e promover responsabilidade social. Conforme a análise de conteúdo proveniente da pesquisa documental, as principais ações lideradas pela AmpeBr foram: associativismo entre os empresários de micro e pequenas empresas locais; palestras sobre temáticas relacionadas ao setor de T&C; missões empresariais e técnicas em outras regiões nacionais e internacionais; encorajamento de compras coletivas

por meio de centrais de negócios; realização de eventos para interação dos empresários locais; realização de feiras de negócios.

As entidades paraestatais mencionadas no *corpus* foram o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). O Sebrae foi a entidade paraestatal mais recorrentemente mencionada tanto nas reportagens quanto nas entrevistas. Como parceira da AmpeBr, essa entidade colabora para a realização das edições da feira de negócio Pronegócio. Entre as ações do Sebrae na região de Brusque, foram mencionadas nas reportagens coletadas: criação de ambientes com propensão à troca de conhecimentos na cadeia têxtil e oportunização de negócios; orientações de posicionamento de mercado; projetos de desenvolvimento de novos produtos; capacitação de empresários locais; estimulação de núcleos setoriais visando ao associativismo na região. O Senai e o Senac foram mais citados como entidades voltadas à oferta de cursos técnicos, superiores e especializações voltados, entre outros setores, a atuação no âmbito de T&C.

A categoria instituições de ensino agrupou as universidades mencionadas no *corpus*, havendo como único caso o Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Trata-se de uma instituição de ensino superior de natureza jurídica privada. Fundada em 1973, é a pioneira do ensino superior em Brusque. A menção do *corpus* unicamente à UNIFEBE pode ser pelo fato de ela ser a única instituição em Brusque que oferta, atualmente, curso de graduação com grade curricular voltada à produção têxtil e, segundo o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior (e-MEC), uma das poucas que oferta graduação e especialização na área de moda. Além de cursos, outras ações dessa instituição voltadas à difusão de conhecimento e inovação identificadas no *corpus* foram: parcerias formadas entre a Unifebe e empresas locais em concursos visando à inovação para o setor de T&C e construção de laboratório de moda. Cita-se também a participação da instituição como sede de eventos voltados à difusão de conhecimentos científicos relacionados à cadeia têxtil, a exemplo do Congresso Científico de Têxtil e Moda.

Em conjunção, também foi noticiada parcerias entre a Unifebe e outras entidades, a exemplo do termo de cooperação com a Fiesc voltado a parcerias para fomentar a indústria têxtil em Brusque por meio de “realização de intercâmbios de conhecimento e tecnologias, a promoção de workshops, conferências, seminários, treinamentos, capacitações empresariais e eventos científicos” (O Município, 19.12.17). Por fim, os sindicatos apareceram no *corpus* envolvidos, de maneira geral, em assuntos de causas trabalhistas ou de representação da categoria em eventos externos relacionados ao setor de T&C. Também foi noticiado como organizador de eventos voltados à difusão de conhecimento e troca de experiências entre os empresários de T&C, a exemplo do evento Encontro Internacional de Negócios de Moda de 2018.

Importações e exportações: alvéolos pulmonares do setor de T&C da região

O comportamento eminentemente importador do setor de T&C de Brusque – conforme discutido anteriormente – configura-se tão somente como uma vulnerabilidade ou também como uma robustez da região? Conforme discutido no tópico acerca de vulnerabilidades, a importação de bens finais pode comprometer o desenvolvimento local de um setor produtivo, uma vez que desestimula a indústria local (Eraydin, 2016a).

Todavia, Boschma e Iammarino (2009) constataram que o comércio internacional estimula o crescimento regional à medida em que pode trazer variedade a uma região. Em consistência com esse argumento estão os resultados do estudo de Eraydin (2016b). Em complemento, Bos e Vannoorenberghe (2019) recentemente apuraram que a importação de bens intermediários pode contribuir para a capacidade inovativa de um setor econômico. Por

esses motivos, as empresas importadoras e exportadoras podem ser vistas, metaforicamente, como espécies de alvéolos pulmonares ao oxigenarem uma região com tendências e variedades.

Segundo o cadastro do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), 179 empresas localizadas em Brusque estabeleceram ligações voltadas ao comércio internacional de insumos da cadeia produtiva de T&C no período de 1997 a junho de 2019. Desse total, 64 empresas são importadoras, 56 exportadoras e 59 se enquadraram em ambas. Com base nesses dados, recorreu-se à técnica estatística multivariada da Análise de Correspondência no intuito de se verificar como a cadeia produtiva de T&C brusquense se estrutura em relação às importações e exportações.

Com base na divisão dessas empresas segundo o código de Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) informado no cadastro do MDIC, essas empresas foram categorizadas, com base em Dias (2016), nas seguintes etapas da cadeia produtiva da indústria de transformação de T&C: beneficiamento, fabricação e confecção (Quadro 1).

Quadro 1. Categorização dos códigos da classificação CNAE

Categorias	Códigos da Classificação CNAE
Beneficiamento	1311 - Preparação e fiação de fibras de algodão 1314 - Fabricação de linhas para costurar e bordar 1321 - Tecelagem de fios de algodão 1322 - Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão 1330 - Fabricação de tecidos de malha
Fabricação	1340 - Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis 1351 - Fabricação de artefatos têxteis para uso doméstico 1359 - Fabricação de outros produtos têxteis não especificados anteriormente
Confecção	1411 - Confecção de roupas íntimas 1412 - Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas 1414 - Fabricação de acessórios do vestuário, exceto para segurança e proteção 1421 - Fabricação de meias

Fonte: elaboração própria

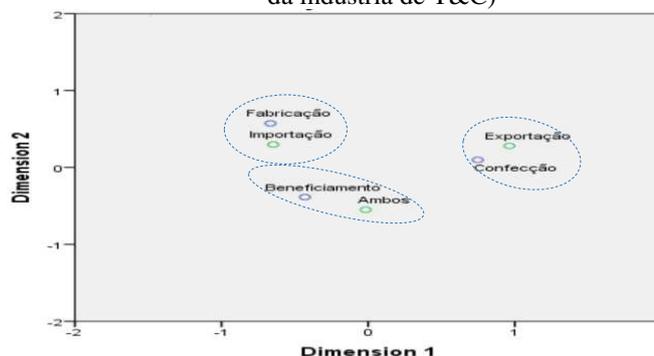
A Tabela Q informa a distribuição do quantitativo de empresas do município de Brusque entre essas etapas, assim como o tipo de transação realizada no comércio exterior. O teste da Análise de Correspondência, com valor de qui-quadrado de 33,389 e grau de liberdade igual a 6, revelou alta significância ($p=0,000<0,05$) para a associação entre as variáveis categóricas da Tabela 1. Em complemento, o mapa perceptual da Figura 4 ilustra a proximidade das categorias cruzadas.

Tabela 1. Tabela de contingência tipos de transação e etapas da indústria de T&C

Tipos de transação	Etapas da Indústria de Transformação de T&C		
	Benef.	Fabric.	Confec.
Importação	32	17	15
Exportação	9	14	33
Ambas	30	6	23
Total	71	37	71

Fonte: elaboração própria

Figura 4. Mapa perceptual (tipos de transação e etapas da indústria de T&C)



Apesar da vulnerabilidade do setor brusquense de T&C devido à dependência de importações, conforme os pressupostos de Eraydin (2016a), as evidências encontradas sugerem que a lógica subjacente a tais importações tende a contribuir para a inovação no setor, uma vez que elas voltam-se mais às etapas intermediárias da indústria de transformação de T&C do que para as finais, em consistência com o argumento de Bos e Vannoorenbergh (2019). Por esses

motivos, o fato de o setor de T&C se encontrar ancorado em importações pode ser visto, sob essa perspectiva, como uma robustez.

Esses achados vão ao encontro dos dados e informações provenientes das pesquisas bibliográfica e documental. De acordo com eles, o setor têxtil de Brusque tem aprimorado a qualidade de seus produtos, sobretudo aqueles comercializados com o mercado externo, para contornar a concorrência chinesa de baixo custo. Há quase uma década, Bertoldi-Platchek (2011) já havia constatado, em estudo envolvendo a mesorregião do Vale do Itajaí, a existência de preferência de clientes externos pela qualidade do têxtil catarinense em detrimento do menor custo obtido no mercado chinês. Ademais, segundo reportagens, o posicionamento de mercado assumido pelo setor de T&C de Brusque tem se destacado pelo reconhecimento de “produto com qualidade catarinense”.

Outrora reconhecido como o berço da fiação catarinense, o mapa perceptual sugere que as empresas brusquenses de T&C Brusque importam os insumos das etapas iniciais da cadeia produtiva e exportam o que é confeccionado na região. Em consistência com isso, a região Brusque vem sendo promovida como a capital nacional dos negócios de moda, conforme depreendido da análise de conteúdo das reportagens coletadas. Segundo uma reportagem, “Brusque respira moda. Mais de 60 mil pessoas estão ligadas diretamente a esse mundo” (O Município, 12.09.13). Assim, as evidências sinalizam uma desvinculação do setor com sua fama de berço da fiação e uma aproximação com elementos que remetem às etapas finais da cadeia. Não obstante, por meio da análise de conteúdo ficou aparente a recorrência da palavra “certificação” no *corpus* textual. A certificação “Selo ABVTEX”, lançada em 2010, foi a mais citada. Sua finalidade é o combate ao trabalho análogo ao escravo e infantil. Segundo reportagens, além do engajamento nessa causa social, as principais motivações das empresas para a adoção do referido selo residem no atendimento de exigência de clientes e no diferencial que ele traz à imagem da empresa.

Ademais, conforme salientado numa reportagem, o compromisso com a qualidade na produção induz ao estabelecimento de laços comerciais entre as empresas de T&C da região de Brusque, os quais não são desfeitos mesmo perante condições melhores de preços com outras empresas. A união entre as empresas da região tem sido fomentada por iniciativa de instituições atuantes na região, podendo ser citados os núcleos temáticos existentes na região, assim como missões empresariais em feiras têxteis internacionais em busca de novas tecnologias. Outra estratégia para fazer frente à concorrência externa – e que realça o enfoque do setor nas etapas finais da cadeia produtiva de T&C – é o sistema de negócio de pronta-entrega. Trata-se de uma característica tradicional do mercado têxtil brusquense ao ponto de ser um *slogan* da cidade (Belli et al., 2013). Além do reconhecimento nacional como um polo têxtil, atores sociais locais – governantes, empresários e representantes do ensino superior da cidade – têm buscado a manutenção da imagem de Brusque como o mercado da pronta-entrega, conforme evidenciado nas reportagens analisadas. Além disso, as empresas tem buscado a customização de seus produtos.

Legado industrial como robustez do território: ecossistema têxtil de Brusque

Além de incentivos concedidos por agentes governamentais, outros elementos presentes no território de Brusque merecem destaque, a exemplo do legado industrial têxtil historicamente construído na região. As centenárias fábricas de Brusque incitaram na região a vocação econômica rumo ao setor têxtil. Contudo, o polo têxtil não ficou adstrito a elas, conforme sugerem as evidências da análise de conteúdo. Com o declínio dessas fábricas centenárias na última década, seus ex-funcionários – entre os quais se destacam empresários atualmente renomados em Brusque – abriram na região novas indústrias e empresas mais modernas tanto em maquinários quanto em gestão. Não obstante, algumas centenárias voltaram a operar, após arremate em leilões judiciais, sob nova direção.

O fenômeno de surgimento de empresas a partir de outra, a denominada empresa-mãe, é conhecido como *spin-off* (Bishop & Shilcof, 2016). O nível de formação de novas empresas numa região, sobremaneira *spin-offs*, é uma fonte de resiliência regional (Østergaard & Park, 2013), uma vez que modifica o ciclo de negócios por meio da atualização da base de conhecimento territorial e, conseqüentemente, elevando a habilidade de renovação local (Menzel & Fornahl, 2009). Outro ponto diz respeito à capacidade do legado industrial, como reflexo dos transbordamentos de conhecimento de Marshall (1920/1996), em atrair firmas de outras áreas para uma dada região (Bishop & Shilcof, 2016). A atração de outras empresas pelo ecossistema têxtil da região de Brusque já foi, inclusive, tema central de reportagens (O Município, 12.03.18).

Além de empresas, também são atraídas instituições interessadas na atmosfera têxtil que circunda a região, a exemplo da instalação de uma filial – a primeira no País – do *Instituto di Moda Burgo* (IMB) em Brusque no ano de 2015. Segundo os dirigentes da filial, a decisão pela região de Brusque deu-se pelo fato haver na cidade uma vocação para o têxtil. As evidências sugerem que a região tem desenvolvido, desde a inauguração de suas primeiras fábricas têxteis, uma espécie de expertise que tem contribuído à construção e à manutenção do legado dessa atividade econômica.

Segundo Treado (2010), essa expertise regional é formada em consonância com os pressupostos de transbordamento de conhecimentos de Marshall (1920/1996), em que o conhecimento técnico de trabalhadores locais possibilita tanto atrair quanto reter os membros de um aglomerado industrial. A retenção desse conhecimento, a exemplo da mobilidade de trabalhadores entre indústrias locais (Hoffmann & Campos, 2013), é um elemento identificado pela literatura como relevante ao desenvolvimento e à capacidade de resiliência de uma região (Treado, 2010), sendo considerado um capital territorial (Camagni, 2009). Essas evidências corroboram a constatação de Bishop e Shilcof (2016) de que o legado de uma região é um fator dependente da trajetória.

Região empreendedora

O município de Brusque, “terra de empreendedores”, é envolvido pelo emblema “talento para superar dificuldades”, conforme descrito em reportagens. Uma das evidências desse talento é o empreendedorismo existente na região – recurso apontado pela literatura como importante ao desenvolvimento territorial (Fischer & Nijkamp, 2009) por proporcionar condições de resistência, recuperabilidade e adaptação a novas condições econômicas (Bishop & Shilcof, 2016; Eraydin, 2016b). Segundo a fala do presidente de uma associação atuante na região, “o povo brusquense é empreendedor por natureza. A cidade é forte no ramo têxtil e no metalúrgico, novas empresas surgiram e conseguiram suprir o fechamento de empresas centenárias” (O Município, 12.03.18). Em estudo na região, Belli et al. (2013) também constataram o empreendedorismo como uma espécie de padrão social e cultural da sociedade brusquense, atribuindo ao perfil do povo empreendedor da cidade o crescimento e a ampliação do setor têxtil e de confecção. As ações empreendedoras são encorajadas por variadas entidades de suporte atuantes na região, corroborando-se a institucionalização dessa característica da população local. Com base no corpus analisado, foram identificadas as entidades: o Núcleo de Jovens Empreendedores da Associação de Micro e Pequenas Empresas de Brusque; a Sala do Empreendedor fomentada pela administração municipal brusquense; o Núcleo Jovens Empreendedores da Associação Empresarial de Brusque; e a organização dos Seminários Brusquenses de Empreendedorismo e Marketing pelo Centro Universitário de Brusque.

Especialização territorial - arranjo das empresas importadoras e exportadoras

As empresas do setor de T&C de Brusque passaram, gradativamente, por mudanças internas frente aos choques vivenciados especialmente a partir dos anos 1990 (Carrão, 2004). A estrutura

organizacional tornou-se de menor porte e mais enxuta e as empresas se tornaram mais especializadas. Diferenciavam-se, assim, das empresas pioneiras da região, uma vez que essas centralizavam todos os elos da cadeia produtiva têxtil. A comparação entre essas gerações de empresas em Brusque deixa a entrever a existência de um processo de desverticalização nas indústrias da região, corroborando os estudos de Meyer-Stamer (1998). Sob uma perspectiva mais ampla – como aquela discutida, por exemplo, em Pecqueur (2005) e Camagni (2009) – haveria uma configuração no território reflexo da desverticalização das empresas? Havendo como motivação esse questionamento, buscou-se verificar se a disposição das empresas de T&C no território de Brusque. Para tanto, foram utilizados os dados relativos às empresas cadastradas no MDIC como importadoras e exportadoras, no período de 1997 a 2019.

Foram utilizados os dados das empresas relativos às variáveis: i) posição na cadeia produtiva de T&C e ii) localização geográfica no território de Brusque. As categorias relacionadas à cadeia de T&C foram extraídas de Dias (2016). Além das etapas da indústria de transformação têxtil, também foram consideradas as atividades referentes ao comércio de T&C. Em relação à localização geográfica, os bairros de Brusque foram categorizados em conformidade com as coordenadas geográficas: norte, sul, centro e leste (Quadro 2). Não foi utilizada a coordenada oeste, haja vista que ela coincide com a área considerada como centro.

Quadro 2. Categorização dos bairros de Brusque em áreas geográficas

Categorias	Bairros de Brusque
Centro	Bateas, Centro I, Centro II, Guarani, Jardim Maluche, Santa Rita, Santa Terezinha, São Luiz, São Pedro, Steffen.
Leste	Limeira alta, Limeira baixa, Nova Brasília, Poço Fundo.
Sul	Águias Claras, Azambuja, Dom Joaquim, Ponta Russa, Primeiro de Maio, Rio Branco, Santa Luzia, São João, Souza Cruz, Tomaz Coelho.
Norte	Limoeiro, Planalto, Volta Grande.

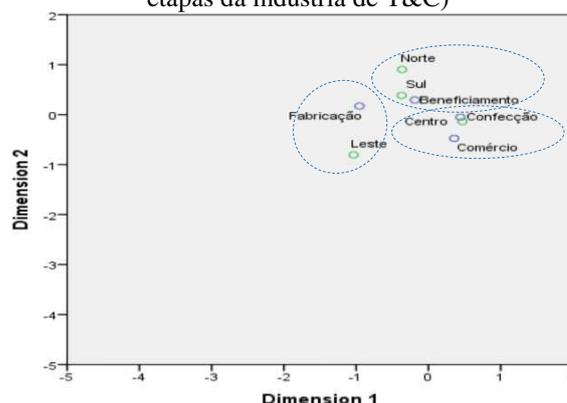
Fonte: elaboração própria

No intuito de analisar a existência de associação entre tais variáveis categóricas, recorreu-se à técnica de Análise de Correspondência, conforme dados da tabela de contingência (Tabela 2). Com valor de qui-quadrado de 25,347 e grau de liberdade igual a 12, a correspondência entre as categorias analisadas apresentou significância ($p=0,013 < 0,05$). Em complemento, o mapa perceptual da Figura 5 ilustra a proximidade das categorias cruzadas.

Tabela 2. Tabela de contingência áreas geográficas e etapas da indústria de T&C

Áreas	Indústria de transformação de T&C			Comér.
	Benef.	Fabric.	Conf.	
Centro	33	24	46	8
Norte	6	0	4	2
Sul	24	9	16	13
Leste	8	4	5	6
Total	71	37	71	29

Figura 5. Mapa perceptual (áreas geográficas e etapas da indústria de T&C)



Essas evidências indicam que as empresas que possuem interface com o mercado externo, por meio de importações e exportações, tendem a estar localizadas geograficamente próximas daquelas que atuam na mesma etapa da cadeia produtiva. Conforme ilustrado no mapa perceptual (Figura G), as áreas geográficas do norte e sul voltaram-se às atividades de beneficiamento, ao passo que no leste preponderou a etapa de fabricação e, por fim, prevaleceram as atividades de confecção e comércio no centro. Essas evidências corroboram as

informações coletadas na pesquisa documental de que a região central é tida como referência de confecção e comércio na região de Brusque.

Outro aspecto importante do território, consoante Marshall (1920/1996), é a infraestrutura dele destinada às empresas. Nesse sentido, destaca-se a rodovia Antônio Heil (BR-486), a qual perpassa o território de Brusque e constitui o principal meio utilizado para o transporte de cargas via terrestre das indústrias da região. Sob a perspectiva da metáfora dos alvéolos pulmonares, a rodovia Antônio Heil (BR 486) pode ser considerada a artéria aorta da região de Brusque. Além do mais, a importância dessa rodovia para a região de Brusque deve-se ao acesso dado por ela ao Porto de Itajaí, o qual é considerado um dos principais pontos de escoamento de produção do estado de Santa Catarina (Campos et al., 2000).

Estratégias de recuperabilidade setorial: de berço têxtil a polo de moda

Assim como o estudo de Liang (2017), este tópico concentra-se sobre as mudanças qualitativas ocorridas nas estruturas econômicas locais da região de Brusque, conforme a análise de conteúdo das reportagens coletadas e de dados secundários macroeconômicos. Consoante a análise de conteúdo, foram notados dois trajetos percorridos pela economia de Brusque: um relacionado ao setor têxtil – escopo desse estudo – e outro condizente a outras áreas, tais como têxtil, metal, mecânica e serviços. Segundo Martin e Sunley (2015), a capacidade de resiliência de uma unidade territorial é expressa tanto por esforços de restauração de trajetórias anteriores de desenvolvimento abaladas por choques quanto pelo trânsito a novos trajetos. O primeiro caso é denominado pela literatura de adaptação, ao passo que o segundo de adaptabilidade (Hu & Hassink, 2017).

Historicamente, Brusque é conhecida como o berço da fiação catarinense. Contudo, o setor têxtil não mais representa a atividade econômica com maior PIB da região. Segundo trecho de uma reportagem, “embora seja conhecida como o berço da fiação, Brusque já deixou para trás os seus anos de glória do setor têxtil. O segmento mais representativo na economia municipal tem sido, desde 2010, conforme o IBGE, o de serviços (O Município, 1912.16). As evidências encontradas sugerem que, embora a indústria de transformação têxtil tenha perdido espaço, o mesmo não pode ser dito sobre o setor de T&C ligados à prestação de serviços. Segundo uma reportagem, “as novatas do polo têxtil de Brusque não costumam centralizar todo o processo produtivo na mesma fábrica, como faziam as pioneiras na cidade. Elas são mais focadas em serviços especializados, como tinturaria, e confecções. Muitas produzem malhas e confecções aqui, mas usam parte dos componentes importados” (Estadão, 12/08/13).

Ademais, por meio das reportagens, notou-se a promoção da moda na região – sobremodo do *fast fashion* – como estratégia para diferenciar o produto local da concorrência externa. Se antes se falava em berço da fiação, atualmente os esforços concentram-se em tornar Brusque como um polo de moda. Também tem se apostado no turismo de negócios voltado ao comércio de roupas e vestuários, sobremodo, por meio das feiras de negócios. Cita-se, por exemplo, a criação do Complexo Turístico Berço da Fiação Catarinenses, em 2016, nas dependências da massa falida da antiga Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A (O Município, 26.05.16). Essas evidências deixam a entrever uma ramificação do setor econômico têxtil da região para além da indústria de transformação de T&C. O fortalecimento do setor de serviços, em específico aquele ligado ao têxtil por meio da moda e do turismo, pode contribuir à resiliência econômica de Brusque, uma vez que um portfólio industrial diversificado ajuda a espalhar choques específicos e, assim, proteger a economia local (Diodato & Weterings, 2015).

CONCLUSÕES E CONTRIBUIÇÕES

O presente estudo analisou o processo de resiliência evolutiva do setor brusquense de T&C, no período de 2007 a 2019, evidenciando o papel da difusão de conhecimento promovida

entre os atores locais. Dado que o estudo acerca de desenvolvimento regional pressupõe a aplicação de pressupostos e técnicas históricos (Martin & Sunley, 2015), recorreu-se ao instrumento da pesquisa documental para a coleta de dados, em jornais de circulação nacional e regional, acerca do setor de T&C de Brusque. Como critério de validade da pesquisa, pautou-se pela triangulação de fontes (Denzin & Lincoln, 2000) por meio de análise de dados secundários extraídos de bases governamentais. Conforme recomendado por Bruning et al. (2018), aplicou-se também a triangulação de técnicas de análise de dados, a qual permitiu maior compreensão do fenômeno.

Os resultados encontrados sugerem que, embora a indústria de transformação têxtil da região de Brusque tenha cedido lugar ao setor de serviços em termos de geração de riqueza, o município ainda se encontra ancorado nas atividades de T&C. Exemplo disso é o esforço empreendido por alguns atores locais em abrir mão da imagem histórica de berço da fiação em favor de se tornar um polo de moda, assim como referência de pronta-entrega de insumos têxteis. Em termos do modelo de anatomia de resiliência regional de Martin e Sunley (2015), analisado à luz dos elementos apontados pela literatura como propensos à difusão de conhecimento, o setor brusquense de T&C apresenta-se vulnerável quanto à dependência de importações.

Assim como a literatura de resiliência regional, a resistência da região foi analisada tendo como parâmetro as mudanças ocorridas no mercado de trabalho. Frente aos choques econômico-competitivos e as recessões internas provocadas por instabilidade política, foi noticiada a mobilidade de trabalhadores entre as empresas da região, o que contribui à manutenção do conhecimento local. Quanto às robustezes da região foram encontradas evidências sugestivas das seguintes variáveis como forças do território de Brusque que contribuem ao seu setor de T&C: atuação e prestação de serviços reais pelas instituições locais, oxigenação de novas ideias por meio do comércio internacional, ecossistema têxtil e especialização territorial em relação à cadeia produtiva de T&C. Por fim, as evidências também sugerem que recuperabilidade envolvendo, de alguma forma, o setor de T&C. Há indícios de que o desenvolvimento econômico da região não mais se apresenta adstrito à indústria de transformação têxtil, havendo despontado, ao longo do tempo, outros sustentáculos relacionados ao setor, a exemplo do comércio e do turismo relacionados ao setor de T&C como formas alternativas de recuperabilidade econômica da região.

Corroborar-se, dessa forma, o pressuposto marshalliano de *spillover*. O “conhecimento que paira sobre o ar” ligado ao segmento têxtil tem perpassado diferentes formas – porém relacionadas – de atividades econômicas indo ao encontro da definição de adaptação (Hu & Hassink, 2017) dentro da perspectiva da resiliência evolutiva. Essa, por sua vez, preconiza o conhecimento que perdura em dada região refletido na especialização marshalliana. A adaptabilidade, por outro lado, pressupõe novas indústrias (Hu & Hassink, 2017) num processo de recuperabilidade dado pela diversificação jacobiana. Dessa forma, o presente estudo, por meio da inserção dos pressupostos da teoria de gestão do conhecimento na discussão de resiliência regional, apresenta indícios de que as variedades do tipo relacionada, assim como não-relacionada, podem contribuir à resiliência de uma região.

REFERÊNCIAS

- Arrow, K. J. (1962). The economic implications of learning by doing. *The Review of Economic Studies*, 29(3), 155–173.
- Bardin, L. (2006). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bathelt, H., Malmberg, A., & Maskell, P. (2004). Clusters and knowledge: Local buzz, global pipelines and the process of knowledge creation. *Progress in Human Geography*, 28(1), 31–56.
- Belli, A. C. H., Cassol, A., Alberton, A., & Marinho, S. V. (2013). O Caso da Rua Azambuja: Ascensão e Queda. *Tecnologias de Administração E Contabilidade*, 3(2), 110–125.

- Bertoldi-Platchek, R. G. (2011). O grau de internacionalização das empresas têxteis catarinenses: uma contribuição para o estudo da estratégia internacional. Universidade do Vale do Itajaí.
- Bishop, P., & Shilcof, D. (2016). The spatial dynamics of new firm births during an economic crisis. *Entrepreneurship & Regional Development*, 5626(November), 1–23.
- Blum, A., & Dadam, M. A. P. (2013). Assessoria em moda: relato de processo em um projeto de extensão. *Revista Da UNIFEBE*, (12), 9–18.
- Bos, M. J. D., & Vannoorenberghe, G. (2019). Imported input varieties and product innovation: Evidence from five developing countries. *Review of International Economics*, 27(2), 520–548.
- Boschma, R., & Fornahl, D. (2011). Cluster Evolution and a Roadmap for Future Research. *Regional Studies*, 45(10), 1295–1298. <https://doi.org/10.1080/00343404.2011.633253>
- Boschma, R., & Iammarino, S. (2009). Related variety, trade linkages, and regional growth in Italy. *Economic Geography*, 85(3), 289–311. <https://doi.org/10.1111/j.1944-8287.2009.01034.x>
- Boschma, R., & Martin, R. (2010). *The Handbook of Evolutionary Economic Geography*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Bristow, G., & Healy, A. (2015). Crisis response, choice and resilience: Insights from complexity thinking. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 8(2), 241–256.
- Bruning, C., Godri, L., & Takahashi, A. R. W. (2018). Triangulação em Estudos de Caso. *Administração: Ensino E Pesquisa*, 19(2), 277–307.
- Brusco (1993). Pequeñas empresas y prestación de servicios reales. In *Los DI y las PYMES: DI y Regeneración Económica Local*. Colección (Colección, pp. 25–37). Madrid.
- Burrell, G., & Morgan, G. (2001). *Sociological Paradigms and Organisational Analysis - Elements of the Sociology of Corporate Life*. Aldershot, UK: Ashgate Publishing Co.
- Camagni, R. (2009). Territorial capital and regional development. In C (Ed.), *Handbook of Regional Growth and Development Theories*. Cheltenham and Northampton: EE.
- Campos, R. R., Ferraz, S. A., & Nicolau, J. A. (2000). *Arranjo Produtivo Têxtil-Vestuário do Vale do Itajaí/SC*. Rio de Janeiro: BNDES.
- Carrão, A. M. R. (2004). Cooperação entre empresas de pequeno porte em pólos industriais: um estudo comparativo. *RAUSP - Revista de Administração*, 39(2), 186–195.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). *Handbook of Qualitative Research*. (N. K. Denzin & Y. S. Lincoln, Eds.) (Fifth Edit). SAGE.
- Di Caro, P. (2015). Recessions , recoveries and regional resilience: evidence on Italy. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 8(2), 273–291. <https://doi.org/10.1093/cjres/rsu029>
- Dias, J. C. (2016). O Trabalho Infantil nos grupamentos de atividades econômicas do Brasil.
- Diodato, D., & Weterings, A. B. R. (2015). The resilience of regional labour markets to economic shock. *Journal of Economic Geography*, 15(4), 723–742. <https://doi.org/10.1093/jeg/lbu030>
- Doran, J., & Fingleton, B. (2016). Employment Resilience in Europe and the 2008 Economic Crisis: Insights from Micro-Level Data. *Regional Studies*, 50(4), 644–656.
- Eraydin, A. (2016a). Attributes and Characteristics of Regional Resilience: Defining and Measuring the Resilience of Turkish Regions. *Regional Studies*, 50(4), 600–614.
- Eraydin, A. (2016b). The role of regional policies along with the external and endogenous factors in the resilience of regions. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 9(1), 217
- Fingleton, B., Garretsen, H., & Martin, R. (2012). Recessionary shocks and regional employment: Evidence on the resilience of u.k. regions. *Journal of Regional Science*, 52(1), 109–133.
- Fischer, M. M., & Nijkamp, P. (2009). Entrepreneurship and regional development. In C. and Northampton (Ed.), *Handbook of Regional Growth and Development Theories*.
- Giddings, L. S. (2006). Mixed-methods research - positivism dressed in drag? *Journal of Research in Nursing*, 11(3), 195–203. <https://doi.org/10.1177/1744987106064635>
- Giuliani, E. (2007). The selective nature of knowledge networks in clusters : evidence from the wine industry. *Journal of Economic Geography*, 7(September), 139–168.
- Hair, J., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2010). *Multivariate Data Analysis 7th Edition*. Prentice Hall 2009.pdf (7/e). Pearson Prentice Hall.
- Hervas-Oliver, J. L., Jackson, I., & Tomlinson, P. R. (2011). “May the ovens never grow cold”: Regional resilience and industrial policy in the north staffordshire ceramics industrial district - with lessons from sassoulo and castellon. *Policy Studies*, 32(4), 377–395.

- Hoffmann, V. E., Bandeira-de-Mello, R., & Molina-Morales, F. X. (2011). Innovation and knowledge transfer in clustered interorganizational networks in Brazil. *Latin American Business Review*, 12(3), 143–163. <https://doi.org/10.1080/10978526.2011.614168>
- Hoffmann, V. E., & Campos, L. M. de S. (2013). Instituições de suporte, serviços e desempenho. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(1), 18–41.
- hHu, X., & Hassink, R. (2017). Exploring adaptation and adaptability in uneven economic resilience: A tale of two Chinese mining regions. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 10(3), 527–541.
- Jacobs, J. (1961). *The death and life of great american cities* (Vintage bo). New York: Random
- Lagravinese, R. (2015). Economic crisis and rising gaps North-South: Evidence from the Italian regions. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 8(2), 331–342.
- Lazerson, M. H., & Lorenzoni, G. (1999). The firms that feed industrial districts: A return to the Italian source. *Industrial and Corporate Change*, 8(2), 235–266.
- Lazzeretti, L., & Capone, F. (2015). Innovations and innovators in a resilient city: The case of chemical innovations after the 1966 flood in Florence. *City, Culture and Society*, 6(3), 83–91.
- Liang, J. (2017). Trade shocks, new industry entry and industry relatedness. *Regional Studies*, 51(12), 1749–1760. <https://doi.org/10.1080/00343404.2016.1245415>
- Linnenluecke, M. K. (2015). Resilience in business and management research: A review of influential publications and a research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 0.
- Marshall, A. (1996). *Princípios de Economia: Tratado Introdutório*. Brasília: Nova Cultural Ltda.
- Martin-Breen, P., & Anderies, J. M. (2011). Resilience: A Literature Review. (November), 67.
- Martin, R. (2012). Regional economic resilience, hysteresis and recessionary shocks. *Journal of Economic Geography*, 12(1), 1–32. <https://doi.org/10.1093/jeg/lbr019>
- Martin, R., & Sunley, P. (2015). On the Notion of Regional Economic Resilience: Conceptualisation and Explanation. *Journal of Economic Geography*, 15(1), 1–50.
- Menzel, M. P., & Fornahl, D. (2009). Cluster life cycles-dimensions and rationales of cluster evolution. *Industrial and Corporate Change*, 19(1), 205–238. <https://doi.org/10.1093/icc/dtp036>
- Meyer-Stamer, J. (1998). Path Dependence in Regional Development: Persistence and Change in Three Industrial Clusters in Santa Catarina. *World Development*, 26(8), 1495–1511.
- Molina-Morales, F. X., Capó-Vicedo, J., Tomás-Miquel, J. V., & Expósito-Langa, M. (2012). Análisis de las redes de negocio y de conocimiento en un distrito industrial. *Cuadernos de Economía Y Direccion de La Empresa*, 15(2), 94–102.
- Munari, F., Sobrero, M., & Malipiero, A. (2012). Absorptive capacity and localized spillovers. *Industrial and Corporate Change*, 21(2), 429–462. <https://doi.org/10.1093/icc/dtr053>
- Neffke, F., Henning, M., Boschma, R., Lundquist, K. J., & Olander, L. O. (2011). The dynamics of agglomeration externalities along the life cycle of industries. *Regional Studies*, 45(1), 49–65.
- Østergaard, C. R., & Park, E. K. (2013). Cluster Decline and Resilience - The Case of the Wireless Communication Cluster in North Jutland, Denmark. *SSRN Electronic Journal, Social Sci.*
- Pecqueur, B. (2005). O desenvolvimento territorial: Uma nova abordagem para os processos de desenvolvimento para os países do Sul. *Raízes*, 24, 10–22.
- Pendall, R., Foster, K. A., & Cowell, M. (2010). Resilience and regions: Building understanding of the metaphor. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 3(1), 71–84.
- Pettigrew, A. (2008). Longitudinal Field Research on Change : Theory and Practice, 1(3), 267–292.
- Pitteri, S., & Bresciani, L. P. (2014). Regional resilience in the theoretical and empirical perspectives. *Revista brasileira de gestao e desenvolvimento regional*, 10(1), 305–335.
- Pochmann, M. (2009). O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais. *Estudos Avançados*, 23(66), 41–52.
- Rinaldo, D., & Golfetto, F. (2011). Exploring the Knowledge Strategies of Temporary Cluster Organizers. *Economic Geography*, 87(4).
- Romer, P. M. (1986). Increasing Returns and Long-Run Growth, 94(5).
- Ruffoni, J., & Suzigan, W. (2015). Comportamento de firmas industriais em fluxos de conhecimento. *Estudos Econômicos*, 45(4), 693–724.
- Treado, C. D. (2010). Pittsburgh's evolving steel legacy and the steel technology cluster. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 3(1), 105–120.